

## MANUTENÇÃO ECONÔMICA OU CHEFIA FAMILIAR FEMININA?

*algumas definições*

Neuza de Farias Araújo

### RESUMO

A identificação de famílias chefiadas por mulheres parece se justificar por três razões: 1) o crescente aumento de famílias sem a presença masculina e a conseqüente ausência de rendimentos masculinos; 2) o incremento de famílias e domicílios chefiados por mulheres não se tem dado apenas pelo crescimento das famílias onde não há a presença do chefe masculino, mas também pelo crescente isolamento feminino na manutenção econômica da unidade familiar; 3) a adoção do conceito “famílias chefiadas por mulheres” é útil para identificar e selecionar um tipo de domicílio que normalmente não se beneficia das políticas e projetos tradicionalmente concebidos e direcionados para o chefe masculino. No presente trabalho apresentaremos as definições: MULHER CHEFE DE FAMÍLIA ( dimensões : econômica e poder ), e MULHER MANTENEDORA (dimensão puramente econômica), com o objetivo de cobrir a variedade de situações encontradas nas abordagens de campo, bem como os relacionamentos, dinâmicas e processos que são próprios a estas situações. A compreensão destas definições se situa no *intermezzo* do conceito de *habitus* e a questão do

desejo segundo a abordagem existencialista. A questão da singularidade mobiliza o indivíduo de maneira que não seja redutível a uma posição de ator determinado pelas condições concretas de existência, mas que ele é um sujeito que age. O conflito latente que opõe homens e mulheres é um desses conflitos. Nesse nível se desenha um certo dinamismo porque os agentes sociais não vão cessar de se defender, de ameaçar ou de se legitimarem pelos múltiplos procedimentos do imaginário, expressando esta tensão fundamental. Trata-se de micro mudanças, nos comportamentos e atitudes, originados na reflexão sobre o que acontece quando se tem acesso a valores e objetos, acesso esse que não existia no passado vivido por estas mulheres.

(I)

### **Contextos de emergência do fenômeno mulher chefe de família na América Latina, África e Ásia.**

As famílias que tem uma mulher como responsável principal sempre existiram, mais particularmente nas culturas onde as mulheres tem o direito de herdar, de possuir a terra e de montar sua casa<sup>1</sup>. Este fenômeno aumentou depois diminuiu em certos períodos da história durante e depois de acontecimentos como guerras, deslocamento de populações e migrações massivas. Existem evidências do seu crescimento nos últimos trinta anos mas esta tendência é mais antiga remontando às transformações sócio econômicas iniciadas pelas colonizações. Na África sub-saariana, a migração dos homens para as minas e para as plantações deu á numerosas mulheres a responsabilidade da exploração agrícola da família. No Caribe a referencia ao modelo tradicional da família patriarcal enfraqueceu. Com efeito, a separação residencial de homens e mulheres, imposta pela economia escravagista, obrigou muitas mulheres a assumir seus dependentes. Novas formas de união conjugal menos restritivas se desenvolveram.

---

<sup>1</sup> Keiko Ono Osaki. Female Headed Households in Developing Countries: By Choice or by Circumstances? DHS World Conference, 5 e 7 de agosto 1991, Washington D.C. , Proceedings, Vol. 3, pg. 1604; Schwede, Laurel K., Family Strategies of Labor Allocation and Decision-Making in a Matrilineal Islamic Society: the Minangkabau of West Sumatra, Indonésia. Tese de Ph.D., Universidade de Cornell, Ithaca (citado por Buvinic e Gupta 1994, pg. 9); Blumberg, R. Lesser. Poverty versus "Purse Power": The Political Economy of the Mother-Child Family III, in J. Mencher & A. Okongu (ed.), Where Did All the Men Go? Female-Headed/Female-Suported Households in Cross-Cultural Perspective, Westview Press, Boulder, 1993.

Trata-se então de visualizar mais precisamente as interações entre dinâmicas coletivas, familiares e individuais e, se possível, de distinguir as transformações estruturais e as perturbações conjunturais.

## TRANSFORMAÇÕES ECONOMICAS

A transformação das economias, através da colonização, da industrialização e da urbanização, desestabilizou as bases econômicas do patriarcado. As migrações de trabalhadores, para as cidades e para o estrangeiro, tanto de homens como de mulheres, enfraqueceram, freqüentemente, os laços conjugais. Por outro lado, nos últimos vinte anos, a taxa de atividade dos homens estagnou ou regrediu em dois terços dos países em desenvolvimento, a taxa de atividade das mulheres, ao contrário, aumentou, principalmente na América Latina, no Caribe, no leste, sudeste e oeste da Ásia, na África do Norte<sup>2</sup>. Bem que o acesso das mulheres ao mercado de trabalho se dá em condições de super exploração (atividades formais ou informais pouco qualificadas e mal remuneradas, sem proteção social) e de discriminação (remuneração inferior aquela dos homens para o mesmo trabalho), cada vez mais as mulheres dispõem de uma renda própria em dinheiro. Apesar do custo crescente das crianças em matéria de nutrição, de saúde e de educação, assiste-se à uma desresponsabilização de um número crescente de homens neste aspecto<sup>3</sup>. Assim, as mulheres não somente tem que enfrentar o desengajamento crescente dos homens, mais igualmente dos Estados.

Os planos de ajustamento estrutural adotados por numerosos países, reduziram os orçamentos da saúde, da educação, da habitação social, etc. As famílias pobres, aquelas cuja mulher em particular, é a chefe, foram as primeiras vítimas. Os grupos de solidariedade e ajuda, formados na dificuldade, para a guarda das crianças, a constituição de reservas financeiras para compra de bens essenciais em grande escala, a formação de uma poupança ou o acesso ao crédito, constituem novas formas de solidariedade. Bem que as instituições internacionais tenham dado uma forte visibilidade a estas situações, continuam sendo expressões minoritárias, residuais, e não podem apenas elas, substituir os Estados, lá onde eles existem.

---

<sup>2</sup> Standing. G. Global feminization through flexible labour , in World Development, Vol. 17, n.º 7, 1989.

<sup>3</sup> Folbre. Nancy. Mothers on their Own: Policy Issues for Developing Countries. PC/ICRW Working Paper Series, Family Structure, Female Headed and Maintained Families and Poverty , Whashington D.C. , 1991a; e Folbre. Nancy. Women on their Own: Global patterns of female headship, in The Women and International Development Annual, Vol. 2, 1991b.

A severa recessão econômica não deteve um processo que se acredita irreversível<sup>4</sup>: a progressiva incorporação da mulher ao mercado de trabalho. Em parte, esta tendência se explica pela opções de política econômica priorizando as exportações, de “maquiladoras”, como é exemplo mais divulgado, no México, abrem-se oportunidades para o emprego feminino, preferindo-se as mulheres pela habilidade manual e o reduzido nível de reivindicação<sup>5</sup>. Não apenas o setor exportador vem empregando mais mão de obra feminina, o setor formal da economia brasileira apresenta a mesma tendência<sup>6</sup>. No caso mexicano, os setores econômicos que empregam mais mulheres – serviços pessoais, comércio e manufaturas tradicionais – foram menos afetados pela crise do que os setores onde predomina a mão de obra masculina. No caso brasileiro, o emprego feminino no setor de serviços cresceu de 54,2% para 69,2% nos anos 80<sup>7</sup>. A taxa de atividade das mulheres passa de 18,2% para 26,6% nos anos 70, alcança os 39,2% nos anos 80, atingindo a cifra 48,1% para o ano de 1995. O que importa destacar é a alta proporção de trabalho informal de trabalho feminino, 1 trabalhadora formal para 1 trabalhadora informal e o fato que, formal ou informal, a mulher trabalhadora continua com a mesma carga de trabalho doméstico nas funções de reprodução familiar, a tão conhecida dupla jornada de trabalho feminino. É a unidade familiar que se recompõe<sup>8</sup> para enfrentar a crise, com a entrada de novos membros da família no mercado de trabalho, que antes não trabalhavam, sendo que, em distintos tipos de família em diferentes etapas do ciclo doméstico, aumenta a carga de trabalho, sobretudo nas famílias cujo chefe é uma mulher, exceção feita no caso das famílias de forte carga de trabalho doméstico. O atendimento das necessidades básicas das famílias desfavorecidas<sup>9</sup> se realiza pela mobilização das mulheres que, dentro dos limites impostos pela situação econômica, acionam redes de solidariedade que possibilitam uma redefinição dos papéis de gênero e o incremento de sua participação política.

---

<sup>4</sup> Prates. S., Participação Laboral Feminina en un Proceso de Crisis, in Mujer y Crisis: Respuestas Ante la Recesión. Dawn/Mudar. Ed. Nueva Sociedad, Rio de Janeiro, 1990, pg. 75-92, (Coord. Aguiar. N.).

<sup>5</sup> Oliveira. O., Empleo Feminino em México en Tiempos de Recesión Economica Tendencias Recentes, in Mujer y Crisis... Ibid. pg. 31-39.

<sup>6</sup> Spindel. C. R., Mujer y Crisis en los Años Ochenta. in Mujer y Crisis... Ibid. pg. 105-30.

<sup>7</sup> Bruschinl, Cristina., Fazendo as Perguntas Certas: como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade?. Fundação Carlos Chagas, II Congresso Latinoamericano de Sociologia do Trabalho. Águas de Lindóia, 1-5 dez. 1996.

<sup>8</sup> Cavalcanti de Oliveira. Z. L., Crisis, Situation familiar y trabajo urbano, in Mujer y Crisis... Ibid. pg. 45-70.

<sup>9</sup> Serrano. C., Mujeres de Sectores Populares Urbanos en Santiago de Chile, in Mujer y Crisis... Ibid. 45-70.

## TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS

Os conflitos internos e externos aos Estados, as repressões políticas internas são fortes fatores de desestruturações familiares. Quaisquer que sejam as causas dos crescentes conflitos, nos últimos vinte e cinco anos, o número de refugiados multiplicou-se por dez. Na medida em que o envolvimento militar e a repressão política e armada atingem os homens, 80% dos refugiados são mulheres e crianças<sup>10</sup>. A maior parte das mulheres adultas, nesta população, são mulheres chefes de família de fato.

## TRANSFORMAÇÕES CULTURAIS

Importantes perturbações econômicas e políticas destas últimas décadas afetaram o funcionamento e a integridade das famílias. As repercussões sociais e culturais destas perturbações se lêem, igualmente, no nível do discurso dos atores sociais referentes à família.

- No nível individual;

A manutenção do reconhecimento jurídico do homem como chefe de família não basta, em muitos casos, para ocultar a crise que afeta profundamente sua imagem em termos econômicos e morais. A perda do poder econômico e da autoridade no seio da família provoca, em muitos homens, reações de frustrações que se exprimem de diversas maneiras: Por um comportamento paradoxalmente consumista e ostentatório (cigarros, roupas, outras mulheres, etc.), ele pode esperar compensar a perda do *status*, ligado à perda do emprego, através de jogo de aparências e da manipulação dos símbolos de prestígio masculino<sup>11</sup>. A consequência direta desta atitude é a formação de uma família cuja mulher torna-se o principal sustentáculo. Um outro tipo de *déviance*, voltado, desta vez, para o álcool, assinala uma fuga da realidade e uma irresponsabilidade ainda mais desastrosa. Produzindo uma imagem desfavorável junto à comunidade, desentendimentos e violências no seio da família, este comportamento conduz,

---

<sup>10</sup> ONU. , As mulheres no Mundo 1970-1990. Organização das Nações Unidas, Nova York, 1992.

num primeiro momento, à formação de uma família cuja mulher é a chefe de fato. Podendo chegar, entretanto, à formação de uma família cuja mulher torna-se chefe de direito, depois de uma separação ou um divórcio<sup>12</sup>.

A violência doméstica contra as mulheres aparece como um fenômeno universal e largamente difundido. Ela não é unicamente ligada as situações de frustrações acima descritas mas qualquer que seja o contexto, ela contribui, também, na colocação em risco, da solidariedade familiar tradicional.

- No nível coletivo

As perturbações econômicas, a ascensão do individualismo e o relaxamento do controle social no âmbito das famílias são fatores que interagem entre si.

A crise econômica atinge as famílias pobres e não somente aquelas cujo chefe é uma mulher de direito ou de fato. Os mecanismos tradicionais de solidariedade são então ameaçados, dentre eles, aqueles que, durante longo tempo, assegurou a proteção das viúvas e das mulheres divorciadas, mantendo-as na sua família ou reintegrando-as nas suas famílias de origem, na não ocorrência de um segundo casamento<sup>13</sup>. Desde então, as mulheres viúvas e divorciadas, tradicionalmente assumidas pelas famílias ampliadas, vem aumentar o número de mulheres chefes de família de direito.

A anomia social, que resulta da confusão de valores coletivos e da perda de referências individuais provoca movimentos contraditórios: relaxamento dos controles sociais sobre a família e as normas de comportamento dos indivíduos, de um lado, e apelo a ordem social de outro. O primeiro movimento que nos interessa aqui, o movimento de permissividade, se exprime em dois níveis: a elevada frequência de dissolução de casamentos por abandono, repúdio,

---

<sup>11</sup> Hoodfar. Homa. Household budgeting and financial management in a lower-income Cairo neighborhood, in D. Dwyer & J. Bruce (eds), 1988; e Hoodfar. Homa. Survival Strategies in Low Income Households in Cairo, in Journal of South Asian and Middle Eastern Studies, Vol. 13, N.º 4, Verão de 1990.

<sup>12</sup> Chant, Sylvia. Single parent families: choice or constraint? The formation of female-headed households in Mexican Shanty Towns, in Development and Change 16(4), 1985.

<sup>13</sup> Hoodfar. Homa. Cairo Family Structure: The Emergence of Female Headship and Differential Consequences. PC/ICRW, Seminar III, 1989; Youssef. Nadia., & Carol B. Hetler. Establishing the economic condition of women-headed households in the third world: a new approach, in Mayra Buvinic et Al., 1983; Keiko Ono Osaki. Female Headed Households in Developing Countries: By Choice or by Circumstances? DHS World Conference, 5 e 7 de agosto 1991, Washington D.C. , Proceedings, Vol. 3, pg. 1606.

separação ou divórcio<sup>14</sup> e o desenvolvimento de uma sexualidade adolescente fora do casamento<sup>15</sup>. Este último fenômeno revela a ausência cruel para os jovens de uma educação sexual e de meios contraceptivos, uma vez que a vida sexual é temporalmente aumentada. O casamento, com efeito, não pode ser efetivado tão cedo quanto antes, na medida em que é cada vez mais difícil, para um homem jovem, de ter rapidamente uma posição no mercado de trabalho cada vez mais difícil.

## (II)

Emergência da mulher chefe de família no Nordeste brasileiro urbano frente às situações equivalentes América Latina, África e Ásia.

A nossa pesquisa sobre as transformações ocorridas nas atividades tradicionais reservadas às mulheres no meio popular urbano nordestino, e a emergência da categoria **mulher chefe de família**.

Dentre as principais conclusões à que então chegamos, pode-se enumerar:

1. A predominância desta categoria nas faixas mais pobres da população, não só no Nordeste urbano mais no Brasil e também na América Latina. A condição de serem mulheres, pobres e habitarem em países e regiões cujas estruturas sociais, econômicas e culturais, passaram por transformações que só fizeram agravar suas características de exclusão, constituindo uma resultante desse processo a ausência do homem como provedor;
2. A noção de mulher chefe de família – MCF, não se identifica direta e imediatamente com a idéia de “família monoparental”. Existem MCF’s casadas, solteiras, viúvas, outras coabitam com seus companheiros, outras recebem seus parceiros de quem

---

<sup>14</sup> Assouline, Florence. Musulmanes, Une Chance pour l'Islam, Flammarion, Paris, 1992; Bessis, Sophie & Souhayr Belhassen. Femmes du Magreb: l'Enjeu, J.C. Lattès, Paris, 1992.

<sup>15</sup> Kandiah, Vasantah. Childbearing by Women Under Twenty Worldwide, PC/ICRW, Seminar III, 1989; Apiah, Rebecca. Thoughts About the Origins of Female Headship in Africa., in PC/ICRW, , Seminar III, 1989; Buvinic, Mayra et al., The Fortunes of Adolescent Mothers and Their Children : A Case of Study on the Transmission of Poverty in Santiago, Chile, in Population and Development Review, 18(2), Junho 1982; Medeiros Bezerra, Luiz Gonzaga, O Aborto Provocado: estudo explicativo e analítico de mulheres que procuraram a Maternidade Escola Januário Cicco – UFRN, vítimas de aborto provocado. Dissertação de Mestrado, 1995, UFRN, Natal-RN. Orient. Françoise Dominique Valéry.

recebem ajudas eventuais ou são por eles exploradas mas, elas trazem para a casa a renda que garante a sobrevivência do grupo familiar, ali onde existe a falha masculina como provedor econômico, à contrário dos padrões culturais estabelecidos. A prática tradicional ligando o termo “chefe” à homem, a superioridade do masculino na hierarquia é assim contestada;

3. As mulheres chefes de famílias – MCF’s. analisadas, mostraram uma percepção clara de seu papel como suporte econômico principal da família, em consequência da ocupação de um espaço social na esfera pública, no entanto, a representação que elas fazem dessa situação, resulta numa percepção ambígua, resultado do *habitus* patriarcal cuja ideologia reserva o estatuto de chefe ao homem;
4. Um complexo de obstáculos ( jurídicos, ideológicos, culturais, sociais, econômicos, estatísticos, psicológicos e políticos) impedem o reconhecimento do estatuto de MCF, situação concreta que estas mulheres assumem na vida cotidiana;
5. A necessidade, para esta categoria de mulher, de estabelecer meios (ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA) à fim de realizar sua integração em contextos fora do mundo da casa, para fazer face às insuficiências financeiras de seu grupo familiar, o que representa uma ruptura nas estruturas instituidoras dos papéis do homem e da mulher no mundo social;
6. É devido à certos esquemas de ajuda, espécie de “corpos intermediários ( a Cruzada de Ação Social – CAS, associações de bairro e clube de mulheres), que as MCF’s. conseguem implantar estas Estratégias. Estes dois tipos de associação constituem o quadro organizacional para lutar contra as precárias condições de vida. A CAS como instituição responsável por centros de formação, a associação de bairro e o clube de mulheres, formas de organização da população, constituindo o espaço de reivindicação para a busca de soluções dos problemas urbanos com os quais se confrontam as mulheres. Assim, as mulheres se constituem em grupo graças aos quais se desenha um primeiro reconhecimento do seu papel, no limite, de sua cidadania.

Como ponto de partida da pesquisa, chegamos à seguinte definição de Mulher Chefe de Família – MCF:



a mulher que é responsável pela manutenção econômica da unidade doméstica (U.D.) e sobre a qual pesa a responsabilidade de sobrevivência das pessoas sob seu encargo, tais como seus filhos, pais ou terceiros (marido ou companheiro, irmãos, tios, primos, pessoas com quem mantém laços afetivos ou de solidariedade). Por unidade doméstica (U.D.) se entende uma ou várias pessoas habitando sob o mesmo teto e utilizando a mesma infra-estrutura doméstica, ligados por laços conjugais, sanguíneos ou outros.

### CONCEITOS DE MULHER CHEFE DE FAMÍLIA

O conceito de mulher chefe de família é usualmente aplicado nos casos em que o homem está ausente. Esta noção, oposta à de homem chefe é, normalmente usada no caso de viúvas, mulheres solteiras e separadas.

Na prática estatística, a condição para que uma mulher seja reconhecida como chefe de família, é que nenhum homem adulto esteja presente ao lado dela. Tal não é, entretanto, a condição de simetria: para que um homem seja reconhecido como chefe de família, não haja nenhuma mulher adulta ao lado dele. Esta assimetria revela o caráter conservador desta definição. Numa sociedade patriarcal<sup>16</sup> as informações dos membros de um domicílio (bem como as perguntas do recenseador) podem estar influenciadas por posições subalternas que resultam na identificação do homem como o chefe de família.

Para FOLBRE<sup>17</sup>, conflitos internos e diversas realidades no interior das famílias são homogeneizadas na superfície, por esta definição, e freqüentemente oculta, um sistema autoritário de liderança que o homem assume na condução da família. Com freqüência, quando o parceiro masculino está ausente do domicílio, filhos mais velhos ou outro adulto homem podem ser contabilizados como o chefes de família. O fato do domicílio ser economicamente mantido pela mulher, raramente é considerado razoável para a mulher assumir o comando da família quando o homem está presente. Com

---

<sup>16</sup> Para nossa investigação, patriarcado refere-se ao sistema desigual e hierárquico de relações entre homem e mulher, onde o homem exerce controle sobre a mulher e a família, representa a autoridade moral dentro e fora da família, sendo o mediador entre a esfera pública e privada. A presença do homem confere respeitabilidade e segurança à família, por uma associação do prestígio da função de provedor econômico e o maior acesso aos recursos fora da casa.

efeito, num domicílio residindo o casal, mas substancialmente mantido, economicamente, pela mulher, raramente é identificado como chefiado por ela. Quando o conceito baseia-se na contribuição da renda masculina, existe a tendência de considerar este o único sustento da família, quando, na realidade, a renda da mulher e de outros membros da família constituem importantes meios de sobrevivência entre muitos grupos de baixa renda<sup>18</sup>. Um outro problema com este conceito de chefia familiar é que ele tende a ocultar a existência de outras formas de família instaladas em vários domicílios<sup>19</sup>, sustentadas por uma mulher, vivendo em grupos de família extensa ocultando a existência da mulher chefe de família.

A manutenção de uma visão patriarcal da família, bastante interiorizada na maior parte das formações sociais, segundo à qual, somente o homem pode ser reconhecido como chefe de família e interlocutor privilegiado dos poderes públicos, exceção aceita, apenas no caso da ausência de um homem. A questão não é somente estatística mais, igualmente política e econômica. Com efeito, o chefe de família pressupõe ser o principal esteio da família, o mais apto à redistribuir os recursos recebidos. É então, na sua direção que os governos, as ONG's, agentes financeiros, etc. orientarão seus bens e serviços (terra, habitação, ajuda alimentar, crédito, serviços de extensão agrícola, etc.), que devem beneficiar à todos os membros da família.

O referencial analítico mais utilizado para analisar a chefia familiar: “de jure” (de direito) e “de facto” (de fato)<sup>20</sup>. Esta classificação compreende cinco categorias:

1) A mulher chefe de família de direito compreende duas categorias:

- A situação em que não existe parceiros masculinos ou cônjuges presentes;
- Quando a presença do parceiro é transitória ou temporária devido à relacionamentos com base em visitas ou ligações temporárias;

---

<sup>17</sup> Folbre . Nancy., Women on their Own: Global patterns of female headship, in The Women and International Development Annual, Vol. 2, 1991.

<sup>18</sup> Chant, Sylvia., Single parent families: choice or constraint? The formation of female-headed households in Mexican Shanty Towns, in Development and Change, 16(4), 1985

<sup>19</sup> Moser, C., Housing, in Gender and Deveppement: a pratical guide, editado por Ostergaard Lise, Routledge, London, 1992.

<sup>20</sup> Youssef, Nadia & Carol Hetler, Establishing the economic condition of women-headed households in third world: a new approach, in Mayra Buvinic et all., 1983

MCF de direito, ( divorciadas, mulheres desquitadas / separadas com dependentes, separadas, viúvas, mães solteiras ), reconhecida juridicamente: a mulher não é, obrigatoriamente, responsável pela manutenção econômica da unidade doméstica (U.D); parceiro ou cônjuge masculino ausente ou com presença temporária.

1) A mulher chefe de família de fato compreende a terceira e quarta categoria:

- Quando o marido ou parceiro estão temporariamente ausentes do domicílio;
- Quando o cônjuge masculino ou parceiro está presente mas não é o principal mantenedor porque sua contribuição financeira é inexistente ou é insignificante em relação à da mulher.

MCF de fato: a mulher é a responsável pela manutenção econômica da unidade doméstica (U.D); parceiro ou cônjuge masculino ausente ou presente.

Com efeito, na maioria dos recenseamentos que utilizam uma definição subjetiva de chefe de família, reconhecendo a mulher chefe de família apenas a mulher chefe de família de direito, está subestimando o número total das famílias cuja mulher é o principal suporte econômico. As mulheres chefes de família de fato que os recenseamentos ocultam, são:

i) As cônjuges de um esposo:

- deficiente físico;
- desempregado;
- consumista com atitude e comportamento ostentatório, realizando jogo de aparências para passar imagem social que pertence à família abastada, visando obter prestígio, *status* social, e prazer pessoal. Não assume ou fica impedido de assumir suas responsabilidades familiares.

i) As mulheres:

- imigrantes ou mulheres de imigrantes;
- refugiadas;
- cônjuges de marido ausente.

- i) As mulheres;
- repudiadas;
  - abandonadas;
  - mães adolescentes cujo parceiro desapareceu.

Estas últimas, em muitos contextos culturais, preferem declarar, no seu meio social, a existência de um cônjuge fictício como o chefe da família, invés de se declararem elas mesmas como tal, na esperança de atenuar a reprovação e a estigmatização sociais, que elas arriscam tornarem-se vítimas.

Quanto aos dois primeiros casos, elas continuam a declarar seu esposo como chefe da família, mesmo se ele não assume mais suas funções de decisão e de sustento econômico à título principal, seja porque elas se submetem à pressão social no meio em que vive, seja porque, dessa maneira, elas esperam chamar os cônjuges às suas responsabilidades.

As famílias cujo chefe é uma mulher representam uma ameaça potencial à ordem social patriarcal, fundada sobre a submissão das mulheres, o controle de sua força de trabalho, de sua sexualidade, e de sua descendência. Elas são pressionadas, então, a ficarem o máximo possível em situações de fato, não reconhecidas jurídica e politicamente. A luta pelo reconhecimento estatístico, jurídico e político das mulheres chefes de família, e pela aquisição de direitos que se configuram neste contexto, inscreve-se num combate mais amplo de equidade entre homens e mulheres. Identificando a injustiça onde ela é mais grave, em virtude do isolamento e do desamparo extremo de grande parte dessas famílias, este combate deve marcar os espíritos e fazer avançar a causa das mulheres no seu conjunto.

- 1) A quinta situação compreende aquela em que o parceiro masculino ou cônjuge está ausente mas existe um outro adulto masculino no domicílio. Ser chefe de direito ou de fato, ou os dois ao mesmo tempo, depende:
- da situação sócio econômica do domicílio em análise;
  - do *status* da mulher na estrutura familiar;
  - das condições e da disposição da unidade familiar extensa, ou a sociedade, de proporcionar assistência financeira à mulher.

## DEFINIÇÕES ALTERNATIVAS

Quais definições alternativas foram propostas para substituir a limitada definição de mulher chefe de família?

Ser chefe ou esteio da família significa para uma mulher:

- i) Que ela tenha autoridade sobre todos os membros da unidade doméstica?
- ii) Que ela tome as decisões essenciais relativas às despesas cotidianas e de prazos mais longos?
- iii) Que ela assuma a contribuição econômica principal da unidade doméstica, considerando seus membros separadamente?

Os critérios de autoridade e de decisão são particularmente pertinentes e fáceis de observar em situações onde um homem adulto não está presente: as mulheres dos imigrantes, as viúvas ou divorciadas, as mães solteiras, responderão positivamente à estes dois critérios, se sua família não foi reintegrada no seio da família ampliada, onde elas poderiam encontrar-se, novamente, submetidas a autoridade de sua sogra ou de outros homens, membros da família. No entanto, estes dois critérios não são operacionais em todos os casos onde um homem adulto está presente, mesmo se é a mulher e não o homem, quem assume a contribuição econômica principal para fazer face às despesas da unidade doméstica. Corre-se sempre o risco de contestação do exercício da autoridade e da decisão feminina, posição que deverá ser confirmada pelo pesquisador sem treino ou recenseador<sup>21</sup>.

O critério da contribuição econômica principal, em numerosos casos, parece ser o critério mais claro para o pesquisador. Teoricamente, é necessário avaliar:

---

<sup>21</sup> Rogers, Beatrice, in Population Council/ International Center for Research on Women, Seminar I, Washington, D.C. 1989, pg. 26-27.

- i) os rendimentos monetários e não monetários de cada membro da unidade doméstica;
- ii) o nível de consumo individual de cada um deles, a fim de calcular, de cada um, a contribuição líquida nas despesas do domicílio.

Somente pesquisas de pequena dimensão, ou dotadas de meios suficientes, poderão estabelecer precisamente quem é, segundo este critério, chefe de família. Na prática, é muito difícil de compatibilizar a multiplicidade de ínfimos rendimentos monetários, obtidos de atividades informais que não são alvo de uma contabilidade específica, de valorizar contribuições que não são monetárias, como o trabalho doméstico, cuidar das crianças, a produção doméstica. Foi sugerida a utilização de medidas aproximativas da contribuição econômica principal<sup>22</sup>.

Aceitando a idéia que os recenseamentos nacionais subestimam<sup>23</sup> o número total de mulheres chefes de família, é necessário montar pesquisas que não se detenham numa definição única e homogênea.

### (III)

Mulher Mantenedora *versus* Mulher Chefe de Família: aspectos econômicos, políticos e sociais.

## A IMPORTANCIA DO CONTEXTO SÓCIO CULTURAL E A NOÇÃO DE MULHER MANTENEDORA

CARVALHO<sup>24</sup> avança numa definição, utilizada em sua pesquisa<sup>25</sup> considerando que:

---

<sup>22</sup> Rao, M.S.V. , Alternative Approach to Using Census Data to Highlight Women's Household Maintenance Role, in Population Council/ International Center for Research on Woman. Seminar I, Washington, D.C. 1989.

<sup>23</sup> É necessário destacar os avanços, no Brasil, á partir do diálogo entre feministas brasileiras, mulheres técnicas do IBGE e demais integrantes desta instituição conscientizados à respeito da importância deste enfoque. Bruschini, Cristina, Fazendo as Perguntas Certas: como tornar visível a contribuição econômica das mulheres para a sociedade?. FCC/Fundação Carlos Chagas, Brasil, II Congresso Latinoamericano de Sociologia do Trabalho. Águas de Lindóia, 1-5 dez. 1996

<sup>24</sup> Carvalho, Luiza M. S. Santos. A Mulher Trabalhadora na Dinâmica da Manutenção e da Chefia Familiar. Estudos Feministas, n. ° 1/98.

<sup>25</sup> Carvalho, Luiza M. S. Santos. Female Maintained Husehold: A case study in Brasília, Brazil. ese de doutorado, Universidade de Essex, Essex, Inglaterra, 1996.

*“A crítica permanente às concepções, conceitos e categorias de análise que surgem no debate acadêmico internacional é necessária. No caso específico do fenômeno chefia feminina<sup>26</sup>, ela é fundamental, devido ao risco crescente destas concepções não serem construídas á luz das realidades latino-americanas.”*

E mais adiante:

*” ele (o conceito chefia familiar feminina) deve ser visto como uma configuração histórica e social e que, no Brasil, isso pode implicar diretamente na mudança da ótica do status conjugal para a ótica da responsabilidade pela manutenção domiciliar”*

Esta autora retoma as críticas feitas ao conceito de chefia familiar feminina, já apresentadas na seção anterior (a ausência de simetria, influência da ideologia patriarcal na prática censitária induz um padrão de responsabilidade econômica familiar que nem sempre corresponde à realidade) e aponta outras limitações do conceito.

No que se refere às estruturas familiares:

*” Por outro lado, a visão de famílias conjugais e nucleares chefiadas pelo provedor masculino é uma construção duplamente problemática para inúmeras sociedades. Nem as famílias ou domicílios são necessariamente conjugais ou nucleares, nem tão pouco exclusivamente chefiados por membros masculinos. Domicílios podem ser chefiados por uma ou mais pessoas, homens e mulheres, e abrigar uma ou mais famílias além de parentes e não parentes.”*

e mais adiante:

*”Um outro problema com o conceito, ainda dentro das fronteiras entre família e domicílio, é que as definições típicas da chefia tendem a subestimar a existência de outras formas de família dentro de um mesmo domicílio. A incidência deste tipo de organização familiar, onde vários núcleos e diferentes gerações co-habitam em um*

---

<sup>26</sup> Termo mais próximo das expressões anglo-saxônicas, equivalente à “mulher chefe de família”, de origem franco-latina. O termo “manutenção familiar feminina” tem uma dimensão puramente econômica ao passo que os termos “chefia familiar feminina” ou “mulher chefe de família” além da

*mesmo domicílio e, mais recentemente, o aumento de famílias monoparentais, onde está predominantemente presente a mãe, e da gravidez precoce de adolescentes, quando a família se expande pela inclusão de novas gerações, contribuem para o crescimento de famílias multinucleadas ou sub-famílias mantidas por uma mulher. As condições e a escassez de oferta de habitação urbana, o aumento da migração e o próprio acirramento das condições econômicas, tendem a contribuir para uma maior diversidade nas formas de co-habitação entre grupos familiares.*

A noção de domicílio também é questionada:

*“ Por sua vez, o conceito de domicílio, entendido como uma unidade residencial individual, é questionável. Devido a sua expressão física concreta, identificar o habitante do domicílio é relativamente fácil, e se torna portanto, a unidade prioritária de estudos, não se pode esquecer de outras possibilidades de enfoque como as conexões intra-familiares, laços ou redes e fluxos de recurso externos, e as conexões econômicas recorrentes e de longo prazo.”*

Após estas reflexões a autora, partindo das noções de chefia feminina de direito e de fato, conforme o Esquema I exposto adiante, e conclui que para evitar a armadilha conceptual da ótica conjugal ou seja, a definição de chefia familiar feminina continua tendo como ponto central a ausência do companheiro e sendo considerada uma variante do tipo familiar ocidental considerado padrão, é necessário desconstruir/reconstruir este conceito deslocando o seu fundamento para a ótica da Manutenção Domiciliar Feminina, conforme Esquema II.

Trata-se de delimitar o grupo de mulheres mantenedoras da seguinte forma:

- 1) Um subgrupo do grupo das mulheres chefes de família de direito, mantenedoras. Excluem-se aquelas que são dependentes economicamente.
- 2) Um subgrupo do grupo das mulheres chefes de família de fato ( i ), mantenedoras, com ou sem cônjuge/parceiro masculino. Estas mulheres podem viver sozinhas, bem como manter uma relação onde o marido/ parceiro esteja presente.

---

dimensão econômica, possui outros conteúdos como autoridade, capacidade de decisão sobre a aplicação e controle dos recursos gerados.



- 3) O grupo de mulheres chefes de família de fato ( ii ) e ( iii ) mantenedoras e sem cônjuge/parceiro masculino. A proposta da autora não considera este grupo. Iremos considerar na nossa abordagem, o que permite contemplar uma pluralidade de situações possíveis de serem encontradas sem prejuízo do critério estabelecido.

Adotando-se a ótica da manutenção familiar feminina, conforme o Esquema II, a mulher é provedora econômica em qualquer situação, independente da presença / ausência masculina. Considerada constante a manutenção familiar feminina, tomada como principal recurso da unidade doméstica, torna-se possível observar as diferentes situações e espaços que a provedora feminina ocupa nos aspectos da autoridade, capacidade de decisão e controle dos recursos gerados para a reprodução da unidade doméstica, necessários para preencher as condições de configuração da mulher chefe de família.

Numerosas justificativas são listadas em favor da utilização da ótica da manutenção feminina, dentre elas, citamos as que convergem para o interesse de nossa pesquisa:

1. Os estudos demográficos tem apontado que dentre as mudanças mais visíveis na família brasileira desde a década de 80, observa-se o crescimento da família uniparental. Famílias chefiadas por mulheres em idade reprodutiva duplicaram de 5% para 10% entre 1960 e 1984, segundo Goldani<sup>27</sup>. A autora ressalta que na década de 70, as viúvas representavam 55,2% das mulheres chefes de família, passando a responder em 1984 por apenas 20,7%, enquanto que a participação de mães solteiras e separadas cresce neste universo para 74,5%. A consequência direta da predominância da mulher separada e da mãe solteira é a redução, dos níveis de idade da mulher chefe de família. Embora não haja estudos estatísticos sobre os níveis de sua participação econômica, provavelmente esta mulher é provedora do domicílio ou tem participação ativa na sua manutenção.
2. É discutível se domicílios chefiados por homens ou domicílios com múltiplos trabalhadores de fato assegurem um melhor nível de vida para seus membros. Este aspecto é fundamental porque, apesar das oportunidades de ganhos serem baixas, tanto para homens como para mulheres de uma classe social de menor poder aquisitivo

---

<sup>27</sup> Goldani, A, As Famílias Brasileiras: Mudanças e Perspectivas. Cadernos de Pesquisa 91, 1994 7-21.

ESQUEMA I - ÓTICA *STATUS* CONJUGAL

ÓTICA -----> I *STATUS* I MANUTENÇÃO I  
I CONJUGAL I DOMICILIAR I

Chefia Feminina	Parceiro/Cônjuge Masculino	Manutenção Econômica Feminina	Situação da Mulher
De Direito	Ausente/Presença Temporária	Sim/Não	Divorciada, Desquitada, Separada com dependente, Viúva, Mãe Solteira
De Fato (i)	Ausente/Presente	Sim	Com esposo: Deficiente Físico Desempregado Consumista, etc
De Fato (ii) (iii)	Ausente	Sim	Imigrante ou Mulher de Imigrante Refugiada Cônjuge de Marido Ausente Repudiada Abandonada Mãe Adolescente Sem Parceiro

existem evidências de que uma melhor distribuição dos recursos entre membros de domicílios chefiados por mulheres tende a anular os piores efeitos da pobreza e, portanto, reduzir a vulnerabilidade do grupo domiciliar. De fato, gastos e investimentos de homens e mulheres tem sido apontados como diferenciados e ligados a diferentes prioridades dentro do domicílio, com uma melhor distribuição e acesso mais democrático de todos os membros aos recursos nos domicílios mantidos

por mulheres. Em um estudo na cidade do México<sup>28</sup>, constatou-se que os recursos nestes domicílios eram mais democraticamente distribuídos, comparados com os domicílios chefiados por homens, uma das razões pelas quais muitas mulheres optaram por se tornarem chefes de seus próprios domicílios e famílias. Por outro lado, mulheres também podem não estabelecer relações conjugais e preferir criar seus filhos sozinhas. Podem optar por fixarem residência autonomamente, como uma questão de escolha. É importante, portanto, considerar as condições para a emergência da chefia feminina como social e historicamente fundada e não, necessariamente, como resultado direto do aumento da pobreza.

- No que se refere à sociedade brasileira, é crescente a participação da mulher no provimento de seu domicílio, crescimento esse em todas as categorias, diminuindo a especificidade do tipo de mulher que se incorpora ao mercado de trabalho. Se ela

#### ESQUEMA II – ÓTICA MANUTENÇÃO DOMICILIAR FEMININA

ÓTICA -----> I STATUS I MANUTENÇÃO I  
I CONJUGAL I DOMICILIAR I

Chefia Feminina	Parceiro/Cônjuge Masculino	Manutenção Econômica Feminina	Situação da Mulher
De Direito	Ausente/Presença Temporária	Sim	Divorciada, Desquitada, Separada com dependente, Viúva, Mãe Solteira
De Fato (i)	Ausente/Presente	Sim	Com esposo: Deficiente Físico, Desempregado, Consumista, etc
			Imigrante ou Mulher

<sup>28</sup> Chant, S. Women and Survival in Mexican Cities: Perspectives on Gender, Labour Markets na Low income Households. Manchester, Manchester University Press, 1991.

De Fato ( ii ) ( iii )	Ausente	Sim	de Imigrante Refugiada Cônjuge de Marido Ausente Repudiada Abandonada Mãe Adolescente Sem Parceiro
---------------------------	---------	-----	---

4. era predominantemente, solteira na década de 70, o grande crescimento se deu entre as casadas na década de 80, revelando o crescimento relativo do *status* conjugal. Tais fatos demonstram, portanto, que o quadro econômico brasileiro tem mobilizado todas as categorias de mulheres para a contribuição no sustento domiciliar. Este crescimento pode ser ainda superior ao que as estatísticas revelam, pois a incorporação da mulher ao mercado de trabalho também possui inúmeras questões que contribuem para subestimar o verdadeiro papel econômico da mulher na reprodução do seu domicílio: a dificuldade de identificar as diversas formas em que isso se dá; a predominância das mulheres nas atividades do setor informal e a dificuldade de contabilizar estas atividades; a associação de atividades remuneradas com atividades não remuneradas; a intermitência das atividades consideradas femininas<sup>29</sup>. Com o aumento do desemprego masculino em áreas urbanas, é provável que domicílios mantidos por mulheres, mas chefiados por homens, possam estar se tornando uma tendência significativa em algumas sociedades como a brasileira. Pesquisa<sup>30</sup> sobre o desemprego industrial em São Paulo, aponta para as diferentes estratégias adotadas por homens e mulheres desempregados frente à necessidade do sustento familiar. Enquanto a mulher assumia trabalhos temporários e casuais até se vincular definitivamente ao mercado de trabalho e, então, normalmente no setor de serviços, os homens permaneciam longos períodos em desemprego, priorizando o retorno ao trabalho industrial, o que não ocorria freqüentemente.

<sup>29</sup> Abreu A. R. P. & Sorj, B. Subcontratação e Trabalho à Domicílio – A Influência do Gênero, in Martins, H. S. & Ramalho, J.R. (org.) Terceirização, Diversidade e Negociação no Mundo do Trabalho. São Paulo, Hucitec Cedi-Nets, 1994m pg. 61-74

5. Outro aspecto é que, enquanto os domicílios chefiados por mulheres sozinhas podem resultar em menor opressão e maior autonomia feminina devido à ausência de um parceiro, domicílios mantidos por mulheres, mas chefiados por homens, podem significar pressão em dobro, já que as mulheres se incumbem da geração de renda, mantêm seu papel doméstico e tem pouca autoridade sobre o orçamento e decisões domiciliares.

A opção de se trabalhar com um referencial mais amplo, baseado no provimento feminino, não significa que se esteja relativizando a importância da figura masculina. Pelo contrário, a ausência masculina implica um rendimento menor para os domicílios que dependem do rendimento feminino, o que se argumenta é que rendimentos masculinos podem não estar associados à reprodução familiar e bem estar dos domicílios.

Adotando-se o critério da manutenção familiar feminina, o referencial expande-se para além da ótica conjugal ou seja, para além da presença ou ausência masculina no domicílio. Trata-se de trabalhar bem menos com um referencial que aprisiona determinados significados e bem mais com um processo: a participação econômica feminina e a relação direta com a sobrevivência e a reprodução dos domicílios. Este referencial mais amplo permite a identificação, à nível micro, dos diferentes processos que levam a mulher a assumir atividades remuneradas simultaneamente às atividades domésticas, e compreender a natureza da diminuição do homem no sustento e manutenção de seus dependentes e/ou domicílios<sup>31</sup>.

Isto feito, podemos agora propor uma definição de Mulher Chefe de Família – MCF, para a nosso trabalho de investigação, objetivando cobrir a variedade e complexidade de situações encontradas nos abordagens de campo.

Mulher Chefe de Família – MCF é:

Dimensão econômica:

---

<sup>30</sup> Hirata, H, & Humphrey, J., Reponse to Job Loss: Female and Male Industrial Workers in Brazil , mineo, 1989.

A mulher que é responsável pela manutenção econômica da unidade doméstica (U.D.) e sobre a qual pesa a responsabilidade de sobrevivência das pessoas sob seu encargo, tais como seus filhos, pais ou terceiros (marido ou companheiro, irmãos, tios, primos, pessoas com quem mantém laços afetivos ou de solidariedade). Esta capacidade econômica é conseguida através do uso de sua força de trabalho ou habilidades, saberes e competências ou outras dotações pessoais capazes de gerar recursos tais como direitos adquiridos ou reconhecimentos sociais;

#### Dimensão poder

Possuir autoridade suficiente sobre todos os membros da unidade doméstica capaz de orientar atitudes e comportamento;

#### Dimensão liderança

Capacidade suficiente para decidir e controlar, no cotidiano e no longo prazo, os recursos gerados para a reprodução da unidade doméstica.

A mulher mantenedora, em contraste com a mulher chefe de família, possui completamente, apenas a dimensão econômica. À mulher mantenedora falta ou é insuficiente a ocupação plena dos espaços da autoridade e da liderança.

A noção de Unidade Doméstica ( U. D. ) também se amplia:

Por unidade doméstica (U.D.) se entende uma ou várias pessoas habitando sob o mesmo teto e utilizando a mesma infra-estrutura doméstica, ligados por laços conjugais, sanguíneos ou outros. Podendo também compreender situações internas e externas ligadas ao espaço mantido pela mulher mantenedora ou chefe de família, podendo agregar outros tetos e infra estruturas domésticas. relacionadas à “conexões econômicas e intra familiares, laços ou redes e fluxos internos”.

O objeto de nossa pesquisa poderia também se definir da seguinte maneira: situações cada vez mais freqüentes onde uma mulher (mãe, avó, tia...) assume a responsabilidade principal da família, com o apoio cada vez mais reduzido dos homens

---

<sup>31</sup> Carvalho, M.L.S.S., op. Cit...

(cônjuge, pai, parentela masculina), da família ampliada e do Estado. Monoparentalidade, família monoparental, família, casa ou domicílio cujo chefe ou esteio principal é uma mulher, mulher chefe de família de direito (*de jure*) ou de fato (*de facto*), tais são os termos empregados para designar estas situações. Atrás das polemicas terminológicas e de definição, escondem-se os jogos de poder e de repartição de recursos.